



O livro ***No Reino dos Astrônomos Cegos***, de Ulisses Capozzoli foi editado pela Editora Record em 2005. Pode ser encontrado nas livrarias por cerca de R\$ 30,00.

O autor é mestre e doutor em História das Ciências pela USP, jornalista especializado em divulgação científica e autor de diversos livros e artigos. Foi editor da Scientific American Brasil.

O título e subtítulo - ***Uma história da Radioastronomia*** - remete imediatamente ao que parece ser o objetivo principal do autor: relatar como a recente ciência da radioastronomia nasceu e se desenvolveu, no exterior e no Brasil. A radioastronomia trabalha com uma faixa do espectro eletromagnético que não é visível para nós. Por isso o adjetivo "cegos" no título, afinal eles não veem necessariamente o que estão procurando. Ao final da leitura tive que aceitar que este adjetivo era bem mais amplo que imaginava.

O livro é dividido em 15 capítulos que cobrem desde a descoberta realizada por Jansky da misteriosa radiação vinda do centro da galáxia, em 1932, ao estudar as origens dos ruídos de fundo que interferiam nas comunicações do rádio até as últimas descobertas e pesquisas realizadas próximas ao ano em que o livro ficou pronto.

A linguagem do livro é extremamente acessível, como era de se prever para um autor que marca sua profícua carreira no jornalismo científico. Os conceitos necessários para a compreensão da radioastronomia são apresentados paulatinamente e sempre associados às consequências para as teorias cosmológicas que disputavam supremacia no século XX: a do Big Bang e o Estado Estacionário. Os partidários de cada teoria lutavam palmo a palmo (e às vezes com dedadas nos olhos do oponente) o estabelecimento de suas ideias.

O autor apresenta uma intensa preocupação em realizar um paralelo entre o nascimento desta ciência no exterior - basicamente em consequência do aperfeiçoamento do radar durante a segunda guerra mundial - e o desenvolvimento da mesma no Brasil. E então, após a leitura, fica evidente que o termo "cegos" pode ter outro sentido no livro, mais amplo, embora o autor não deixe isto explícito: a de que a ciência brasileira não teve uma organização em sua origem, uma busca programada, uma ambição coletiva, mas sim que se comportou, parafraseando Arthur Koestler, como sonâmbula, tateando no escuro em busca de algo.

Mas que fique claro que isto não tem nada com a capacidade intelectual do pesquisador brasileiro, mas sim com a visão cultural da importância da ciência para o desenvolvimento de um país. O autor ilustra este ponto com a passagem da decepção de um pesquisador brasileiro ao chegar a um dos melhores laboratórios de pesquisa nos EUA e verificar que não era muito diferente dos que tinham no Brasil. O pesquisador conclui que a diferença está em que lá eles trabalham na construção dos instrumentos que ainda não existem, desenvolvendo uma ampla gama de serviços ao seu redor. O autor discute aspectos históricos, sociais e políticos deste descompromisso da sociedade brasileira com a ciência e como isso repercutiu (e ainda repercute) nas pesquisas científicas gerais e particularmente na radioastronomia no Brasil.

Esta questão está, para o autor, tão arraigada em nossa cultura, que, por duas vezes é citada a fala de Joaquim Nabuco (1849 -1910) - importante abolicionista - que "extinguir o escravismo no Brasil não deveria ser entendido como uma questão crucial. O verdadeiro desafio, sustentou, seria eliminar o legado escravista, uma tarefa prevista para séculos de trabalho determinado" (p. 310).

Fica portanto a recomendação de uma agradável leitura que apresenta com detalhes a história da radioastronomia no mundo e, particularmente, seu percalço no Brasil. Penso que o autor poderia nos brindar com uma atualização do livro, pois nestes mais de 15 anos desde que o livro foi lançado, muitas descobertas na área aconteceram, com consequências para a teoria cosmológica vigente.

Francisco Pazzini Couto / Janeiro 2019